

Mata Atlântica

Pesquisadores da Esalq descobrem novo roedor endêmico em reserva

Das quase 700 espécies de mamíferos existentes no Brasil, cerca de 245 (35%) são roedores, o que faz deste grupo o mais diverso dentre os mamíferos do país, seguidos de morcegos (com 25% das espécies) e macacos (17%). Os roedores são também os mais diversos em número de gêneros, uma categoria taxonômica mais inclusiva que reúne um conjunto de espécies relacionadas. Dos 240 gêneros de mamíferos ocorrentes no Brasil, 73 são roedores. Este grupo tão diverso, que inclui esquilos, porquinhos-da-índia, ouriço-caixeiros, cutias, pacas e capivaras, é também um dos mais desconhecidos em termos de diversidade real, já que a grande parte é composta por animais parecidos com ratos ou camundongos que vivem escondidos nas florestas, cerrados e caatingas do Brasil.

Estes números acabam de aumentar com a descoberta de um novo ratinho na Mata Atlântica. Em um trabalho publicado em fevereiro, na tradicional revista científica *Zoological Journal of the Linnean Society*, três pesquisadores brasileiros acabam de descrever o mais novo gênero e espécie de roedor brasileiro. Com nome científico de *Drymoreomys albimaculatus*, que literalmente significa rato (=mys) das florestas (=drymus) montanhas (=oreo) com manchas (=maculatus) brancas

(=albi), o roedor é encontrado somente nas montanhas da Serra do Mar de São Paulo e Santa Catarina (curiosamente, o ratinho ainda não foi registrado para o Paraná), fazendo de *Drymoreomys* um gênero endêmico da Mata Atlântica Brasileira, um dos biomas mais diversos e ameaçados do mundo, reduzido a uma pequena fração de sua área original.

Além da característica morfológica única que deu nome à espécie, a presença de manchas brancas na garganta, diversas outras características levaram os biólogos Alexandre Reis Percequillo, professor do Departamento de Ciências Biológicas, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), Marcelo Weksler, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que na época trabalhava no American Museum of Natural History, em Nova York, e Leonora Pires Costa, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), a descreverem este roedor como um novo gênero.

"Uma das evidências mais fortes veio da análise do DNA da nova espécie, que mostrou ainda que ela é mais proximamente relacionada a um ratinho que habita os Andes peruanos, chamado de *Eremoryzomys polius*, do que a qualquer outro roedor na América do Sul", comentou Percequillo.



Divulgação

Novo roedor é encontrado somente nas montanhas da Serra do Mar de São Paulo e Santa Catarina

Segundo o professor da Esalq, o resultado evidencia que, milhares de anos atrás, antepassados das duas espécies viviam em uma América do Sul com clima, geologia e vegetação diferente da atual, mas os laços de ancestralidade que unem as duas espécies podem servir como pistas para os biogeógrafos estudarem e entenderem estas mudanças. "Esta descoberta é um exemplo do quanto pouco ainda se sabe sobre a história evolutiva dos mamíferos na América do Sul; nem mesmo o número de espécies que existem na Mata Atlântica, ou em qualquer outro bioma brasileiro, é conhecido. Sem esse conhecimento básico, corre-se o risco de nunca chegarmos a compreender importantes mecanismos ecológicos e evolutivos que geraram tamanha riqueza de espécies na América do Sul", apontou o pesquisador.

A relevância da descoberta está também no fato

de que gêneros de roedores, ou mamíferos, são muito mais difíceis de serem encontrados do que novas espécies. Entre roedores, por exemplo, a maior parte dos gêneros foi descrita ainda no século 19 ou no começo do século 20, sendo que o último gênero completamente desconhecido descoberto na Mata Atlântica foi descrito há mais de 30 anos. Ainda mais surpreendente, a descoberta de Percequillo e colaboradores se deu em uma das áreas mais populosas e conhecidas do Brasil. "Desde o início do século 19, diversos naturalistas estudaram as florestas do sul de São Paulo e Santa Catarina, mas os primeiros exemplares deste novo roedor foram somente colecionados pelos cientistas no início da década de 1990. No entanto, duas décadas foram necessárias para que novos exemplares fossem obtidos e possibilitassem a descrição desta interessante espécie", enfatizou Percequillo.